A HISTÓRIA COMO PROBLEMA, SEGUNDO FOUCAULT¹

Alarcon Agra do Ó²

Maria Cláudia Cavalcanti³

Ao longo de sua carreira, Michel Foucault por diversas vezes foi chamado a pensar o regime e as práticas do seu próprio pensamento. Isto se dava não apenas pela série de inovações temáticas, teóricas e metodológicas que ele colocou em cena, mas, também, pelo próprio clima intelectual dos anos em que ele trabalhou. O século XX foi marcado, como se sabe, tanto por um alargamento de diversos campos do pensamento quanto por uma intensificação do esforço dos intelectuais em pensar a própria prática. Foucault se integrou a esta lógica, cumprindo incessantemente o mister de dobrar-se sobre si mesmo, escrevendo sobre textos já escritos, reduplicando seu dizer, atingindo outras fronteiras do conhecimento, inventando diferentes maneiras de conhecer e de pensar o conhecimento.

Especialmente, tendo em vista as associações profundas entre as suas investigações e o mundo dos historiadores, ele tratou com insistência acerca do estatuto da história, do seu papel no conjunto dos saberes, dos modos pelos quais ela poderia ser praticada. A cada pronúncia, na verdade, o que se colocava em questão e em jogo era o seu próprio estatuto de pesquisador, e de “autor”, na medida em que, na sua escrita, não raro ele se colocava como alguém que entrava num debate para pensar não apenas as coordenadas gerais de alguma questão, mas, principalmente, a sua experimentação por ele mesmo. Aqui pretendemos realizar um breve exercício de leitura acerca de uma dessas produções, comprometidas com a demarcação de um continente de práticas para o historiador.

Em meados dos anos 1970, após uma conferência de Michelle Perrot sobre a história das prisões em 1848, deu-se a publicação de uma coletânea de textos outros, dedicados ao estudo do sistema penitenciário francês do início do século XIX. Em um dos artigos, Jacques Léonard sintetizou e criticou *Vigiar e Punir*, recentemente publicado por Michel Foucault (o livro é de 1975), e obra em grande medida comprometida com o crescimento da visibilidade acerca da história das prisões no instante de sua publicação. Como é sabido, *Vigiar e Punir* teve entre as suas condições de possibilidade a integração de Foucault ao intenso movimento de interpelação pelos intelectuais franceses dos anos 1970 da vida carcerária.

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História Cultural”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor Assistente da Unidade Acadêmica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (Campus I).

³ Licenciada em História pela Universidade Federal de Campina Grande; Bacharelada em História pela Universidade Federal de Campina Grande (Campus I).

Alguns anos depois da crítica de Léonard, em 1980, Foucault responderia às suas questões, com o texto “A Poeira e a Nuvem”, editado no célebre livro “L'impossible prison”, editado por Michelle Perrot. Para efeito do presente estudo, trabalharemos com a edição daquele texto encontrada numa coletânea recente de estudos de Foucault.⁴

A escrita como polêmica, em algum momento criticada pelo próprio Foucault, por exemplo numa entrevista a Paul Rabinow, consiste numa prática de silenciamento e de deslegitimação do outro.⁵ Na resposta de Foucault a Léonard, no entanto, não parece haver o desejo de impedir a fala alheia – mas, sim, a preocupação em demarcar diferentes modos de pensar e de descrever o ofício do historiador.

O que está em questão, naquele texto, ainda que muitas discussões pontuais acabem aparecendo aqui e ali, é, enfim, o que define a prática historiográfica. Léonard havia, na sua fala inicial, se referido a Foucault como alguém a quem se deveria escutar com atenção – mas de quem os historiadores ganhariam, também, se dele se distanciassem um pouco, especialmente porque eles seriam mais cuidadosos com os fatos, com a pesquisa empírica que Foucault. Este último, na sua resposta, procura promover um deslocamento no debate, e prefere pensar os termos em que as coisas estão sendo ditas, antes de pensar o que elas significam. Sua abordagem da crítica recebida, assim, é uma refutação mas, muito além disso, é um exercício quase autônomo do pensamento, como se Foucault não ocupasse, para rebater uma posição contrária à sua, o lugar de onde falara antes, mas inventasse para esta nova pronúncia um outro ponto, um outro nicho para a sua enunciação.

Na presente leitura todos os detalhes da polêmica, ou, pelo menos, quase todos, serão colocados meio que à margem, para que seja possível potencializar aqui apenas uma questão: o que parece, ao Foucault daquele momento, o gesto característico do historiador? Para tratar dito, Foucault menciona três zonas de atrito como sendo as que mais interessam ao debate, tal como proposto por Léonard; todas as três são aceitas por Foucault como pontos de partida legítimos, e ele vai tentar expor o seu pensamento explorando-as. Deste modo, ele ao mesmo tempo se aproxima e se distancia de Léonard, numa relação que é de identificação e de estranhamento. Só aí já se enuncia uma espécie de lição para o historiador, profissional da interpretação de ditos outros: ele releva a importância de se manter uma relação ao mesmo tempo crítica mas acolhedora para os materiais de trabalho, de sorte a que sejam observadas as suas positivities, os seus efeitos possíveis, e não sua ideologia, por exemplo.

É importante observar que todos os movimentos do texto de Foucault são compostos tomando como referência as suas pesquisas acerca da história da prisão francesa. Com isto

⁴ FOUCAULT, Michel. A poeira e a nuvem. In. _____. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e Escritos, IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 323-334)

⁵ RABINOW, Paul. *Antropologia da razão*. Ensaios de Paul Rabinow. Organização e tradução, João Guilherme Biehl. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

ele oferece duas contribuições ao debate acerca da construção do saber histórico, de forma indireta. A primeira diz respeito à aceitação da crítica pontual de Léonard a “Vigiar e Punir”, com o quê ele já coloca em cena uma postura que caracterizava a sua prática de pesquisador: a problematização dos olhares que diferiam do seu. Isto reverberaria posteriormente num texto mais conhecido, no começo do segundo volume da *História da Sexualidade*, quando Foucault relata ter alterado seus planos de pesquisa e de escrita em função, também, das leituras tantas que seu primeiro volume havia suscitado. Com isso, de uma certa forma, é oferecida ao historiador uma máscara a mais: a do pensador sensível ao seu tempo, às questões mais impactantes do seu presente, muitas vezes apresentadas ao autor sob a forma de críticas às suas respostas. O historiador, insinua Foucault, deve estar aberto à possibilidade de dizer de novo, ainda que de forma diferente, aquilo que enunciou anteriormente. Ou, por outro lado, deve receber as críticas como provocações ao próprio pensamento, como estímulos ao refinamento de suas investigações e narrativas.

A segunda está ligada à sua crença, explicitada ao longo de sua produção, na validade de análises delimitadas, ao invés de panoramas que antes escondem que mostram. Ao fazer referência insistente, na construção de seu argumento, às pesquisas sobre a história das prisões, Foucault acaba por manter uma espécie de outro diálogo com Léonard, na medida em que este o criticava, entre outras coisas, justamente por uma certa superficialidade (para não dizer um cuidado não muito sensível) em relação à empiria.

Uma primeira questão, das enunciadas por Foucault, diz respeito à “diferença de procedimento entre a análise de um problema e o estudo de um período”.⁶ Com isso Foucault imagina que o campo do pensamento historiográfico está partido em dois. De um lado, estão os historiadores que tomam como seu objeto um período. Estes não se comprometem com a construção de uma problemática que dê sentido aos seus estudos mas, ao contrário, dedicam-se a explorar as minúcias de uma dada época. Do outro lado estão os que, como Foucault, preferem pensar que o gesto do historiador parte de uma problematização – a qual oferece condições para a demarcação do período a estudar, das fontes a levantar, dos encaminhamentos teóricos e metodológicos que devem ser empregados.

Não lhe interessa, portanto, definir o período do estudo como um a priori: o que é mais significativo é pensar que o instante sobre o qual o estudo se volta é definido pela consideração de que, nele, algo se deu que implicou no estabelecimento de uma diferença, de uma ruptura. O historiador, é o que permite pensar Foucault, se volta para o passado, mas não para qualquer passado. Apenas lhe chama a atenção aquele instante marcado pelo adensamento de forças, pela cristalização de formas insuspeitadas, pela abertura de novas fronteiras e de novas margens para a experiência.

⁶ FOUCAULT, Michel. A poeira e a nuvem, p. 324.

O texto de Foucault caminha passo a passo margeando as questões colocadas em cena em *Vigiar e Punir*. Isto se dá, conforme já foi enunciado acima, face a duas razões. Em primeiro lugar, ele escreve ali uma espécie de resposta a uma crítica ao seu livro; em segundo lugar, o pensamento foucaultiano é, de forma recorrente, uma problematização de pontos específicos. E, na exploração dos passos que constroem *Vigiar e Punir*, ele indica que tudo que veio a constituir seu estudo lhe veio à mesa de trabalho, de princípio, a partir da consideração de que na passagem do século XVIII para o XIX, há uma transformação nas formas pelas quais se dava a punição na França. Assim, será na passagem do século XVIII para o XIX que Foucault se instalará para estudar a emergência da prisão. Ele não descobriu, num período antecipadamente definido como de seu interesse, algo para estudar; ao contrário, ele recortou contra o indiferenciado do tempo uma época que se singularizou justamente por ser o instante de eclosão de uma ruptura, de uma novidade, de uma singularidade.

O objeto da pesquisa, assim, é definido a partir do desejo de colocar em funcionamento uma maquinaria intelectual de exploração de um problema relevante. No seu caso, intelectual envolvido com a questão prisional francesa de meados do século XX, interessava saber quando a prisão foi inventada, e, principalmente, o que a sua eclosão silenciou. Para isso, cumpria, a seu ver, a realização de uma pesquisa histórica, a única maneira pela qual seria possível a construção de um entendimento razoável acerca da questão levantada. O objeto do estudo, enfim, emergia no movimento do pensar de Foucault a partir da consideração de que a prisão deveria ser estudada não como uma realidade atemporal e intangível – mas, sim, como uma prática histórica concreta, dotada de uma historicidade singular e inteligível. Num diálogo heterodoxo com a tradição historicista, Foucault se volta portanto para o instante de emergência daquilo que lhe interessa estudar, sem se preocupar no entanto com a sua origem. O que lhe move o desejo não é, assim, saber como algo se originou, e como a sua essência se manifestou no seu momento inicial no mundo – o que lhe interessa pensar é o que estava em jogo (em guerra) no instante em que algo se torna possível, em que uma pronúncia se eleva e silencia as demais. A busca pela origem, segundo Foucault, é um dispositivo historiográfico tranquilizador, mas pouco respeitável – na medida em que aponta para uma relação necessária entre um certo momento histórico e o presente, desobrigando a atualidade de pensar a si mesma como razão de ser de suas promessas cumpridas e falhadas. A história que Foucault desejaria que fosse contada parte de um outro ponto, também enunciado pelos Annalles e por Hayden White (ainda que cada um faça isso de uma forma bastante peculiar): para eles, fazer a história não é estabelecer continuidades entre o presente e o passado, mas, justamente, apontar para as dessemelhanças, para as rupturas, para os deslocamentos. O passado deve interessar ao presente não para dizer de onde viemos, mas, ao contrário, para dizer em que ponto não estamos mais.

A temporalidade, como já foi vista, decorre então da forma pela qual o objeto é composto. Na medida em que, para Foucault, o objeto é composto a partir do desejo – estratégico – de colocar em perspectiva a eclosão de uma nova forma de construção dos sujeitos e de suas relações, o recorte temporal só poderá advir da observação detida do instante mesmo em que aquela ruptura se fez possível. O historiador irá ao passado em busca de algo inscrito numa temporalidade que lhe é própria, ao invés de imaginar que apenas o recurso fácil às datas consagradas pode oferecer objetos de pesquisa, corpora documentais etc.

O mesmo movimento que se executa em direção ao tempo de eclosão do objeto em estudo se aplica no que tange aos limites da análise. O instante em que o estudo reconhece sua fronteira temporal não pode ser dado, diz Foucault, por um movimento externo à própria pesquisa, como se o passado fosse recortado infinitamente a partir de marcos assentados pela tradição. Ao contrário, o que deve caracterizar o gesto do historiador deve ser a submissão radical dos recortes temporais à sua pesquisa, aos modos pelos quais, ali, seu objeto se estabelece e se constitui enquanto tal.

As perguntas mais convenientes para o historiador, neste sentido, são, para Foucault, relacionadas aos documentos (que não devem ser pensados como um a priori, mas como uma decorrência da pergunta explorada), às explicações (que devem ser construídas sem o apelo às teleologias) e aos efeitos do problema estudado (em que aquilo que se estuda impactou seu mundo, e o nosso?).

Sintetizando, diz Foucault:

Quem (...) quer tratar de um *problema*, surgido em um dado momento, deve seguir (...) regras: escolha do material em função dos dados do problema; focalização da análise sobre os elementos suscetíveis de resolvê-lo; estabelecimento das relações que permitem esta solução. E, portanto, indiferença para com a obrigação de tudo dizer, mesmo para satisfazer o júri dos especialistas convocados.⁷

O modo de fazer a história que Foucault pensa encarnar, segundo suas palavras, é o de “tratar um problema e em determinar, a partir daí, o domínio de objeto que é preciso percorrer para resolvê-lo.”⁸

É nesse sentido, que, por exemplo, fazer a história da emergência da preocupação como as reformas do sistema punitivo, em fins do século XVIII e início do século XIX, significa para Foucault estudar a emergência de um problema. Quais as condições sociais, econômicas, culturais etc. que permitiram que uma dada época formulasse um problema, um foco de atenção e tensão em torno de algo que em outras épocas não mereceram tanta atenção? E quais as questões do nosso presente que nos permitem recorrer ao passado como forma de compreensão das diferenças entre o vivido e o momento atual?

⁷ FOUCAULT, Michel. A poeira e a nuvem, p. 326.

⁸ FOUCAULT, Michel. A poeira e a nuvem, p. 327.

No contexto da operação historiográfica, o trabalho de recorte das fontes implica, pois, a renúncia com a obrigação de tudo dizer, bem como uma outra preocupação com o estatuto da fonte, para o trabalho do historiador. Ao se preocupar como a emergência de um problema num determinado período histórico e ao relativizar a própria concepção de realidade histórica, o autor exime a fonte da obrigação de representar a realidade. Admite-se, então, tanto para historiador, quanto para as fontes a suas capacidades de criação de realidades diversas.

Quem (...) quer tratar de um problema, surgido em um dado momento, deve seguir outras regras: escolha do material em função dos dados do problema; focalização da análise sobre os elementos suscetíveis de resolvê-lo; estabelecimento das relações que permitem essa solução. E, portanto, indiferença para com a obrigação de tudo dizer... O trabalho assim concebido implicava um recorte segundo pontos determinantes, e uma extensão segundo relações pertinentes.⁹

A história seria, nessa perspectiva, o entrecruzamento de experiências diversas, das quais a forma como o historiador trata as fontes e narra tais experiências confere os contornos da trama histórica.

A indiferença para com a obrigação de tudo dizer relaciona-se como a concepção do princípio de realidade de Foucault. Para o autor, falar de realidade não é fazer um quadro geral não é fazer de tudo o que se conhece acerca de um determinado objeto, não é dizer o que deu certo ou errado em determinados projetos que quiseram dar conta de um determinado problema, nem tampouco fazer uma história do cotidiano, mas sim entrecruzar as linhas de interesses que produziram a necessidade de uma preocupação com uma dada questão, fazendo com que ela ganhe status de problema. Falar de realidade histórica, em Foucault é, portanto, falar em entrecruzamento de interesses que delinearam a profusão de falas em torno de um dado assunto que, a partir de então, passa a ser visto como um problema que requer atenção.

É preciso desmistificar a instância global do real como totalidade a ser restituída. Não há 'o' real do qual se iria ao encontro sob a condição de falar de tudo ou de certas coisas mais 'reais' que as outras, e que falharíamos, em benefício de abstrações inconscientes, se nos restringíssemos a fazer outros elementos e outras relações. Seria preciso, talvez, interrogar também o princípio, com freqüência, implicitamente admitido, de que a única realidade que a história deveria aspirar é a própria sociedade. Um tipo de racionalidade, uma maneira de pensar, um programa, uma técnica, um conjunto de esforços racionais e coordenados, objetivos definidos e perseguidos, instrumentos para alcançá-lo etc., tudo isso é algo do real, mesmo se isso não pretende ser a própria 'realidade', nem a sociedade inteira. E a gênese dessa realidade, do momento em que nela fazemos intervir os elementos pertinentes, é perfeitamente legítima.¹⁰

⁹ FOUCAULT, Michel. A poeira e a nuvem, p. 326.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. A poeira e a nuvem, p. 329.

RESUMO

Em 1980, Michel Foucault, em texto intitulado "A poeira e a nuvem", rebateu a crítica feita por Jacques Léonard a seu livro "Vigiar e Punir". Ali, Foucault discute as nuances teórico-metodológicas que delinearam a produção de sua abordagem. A discussão aqui sugerida busca retomar alguns pontos cruciais, abordados naquele texto por Foucault, no que diz respeito à produção e análise do objeto de estudo, segundo sua concepção de História. Principalmente, é objetivo desta comunicação ressaltar o compromisso do olhar foucaultiano com a história-problema, enunciada em outros lugares da cena historiográfica mas tematizada de forma singular por aquele pensamento.

Palavras-Chave: Foucault; História-problema; operação historiográfica.